



TRADUÇÃO COMENTADA DE ARCAÍSMOS NAS CARTAS DE MARIQUITA SÁNCHEZ

COMMENTED TRANSLATION OF ARCHAISMS IN THE LETTERS OF MARIQUITA SÁNCHEZ

Claudio Luiz da Silva Oliveira¹

RESUMO

A tradução de arcaísmos pode se tornar um desafio para o tradutor. Manter ou não estes termos deve ser uma decisão muito bem pensada, a depender do objetivo da tradução. Neste trabalho, buscamos apresentar e comentar trechos de cartas escritas por Mariquita Sánchez, dama da sociedade da Buenos Aires do século XIX, cuja tradução procurou reproduzir os termos arcaicos empregados pela missivista. Baseado nos trabalhos de crítica e análise tradutória de Costa (2019), apoiado nas teorias e estratégias tradutórias explicitadas por teóricos da área dos Estudos da Tradução, como Levý (2012), Berman (1999), Steiner (1975) e Rónai (2012), refletimos que a reprodução de arcaísmos na tradução recria a atmosfera e o tipo de linguagem utilizada por falantes do período em que os textos foram escritos, criando uma espécie de “ilusão” no leitor, como se estivessem lendo a obra escrita no seu idioma original, mesmo que esse cause uma certa “estranheza”.

Palavras-chave: tradução epistolar; Mariquita Sánchez; arcaísmos.

ABSTRACT

Translating archaisms can become a challenge for the translator. Keeping or not these terms should be a very well thought out decision, depending on the purpose of the translation. In this paper, we aim to present and comment excerpts from letters written by Mariquita Sánchez, a lady of Buenos Aires society in the nineteenth century, whose translation sought to reproduce the archaic terms used by the missivist. Based on the works of translation criticism and analysis by Costa (2019), supported by the translation theories and strategies explained by theorists in the field of Translation Studies, such as Levý (2012), Berman (1999), Steiner (1975) and Rónai (2012), we

¹ Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Acre. Graduado em Letras: Português/Espanhol. Professor do Centro de Educação e Letras da Universidade Federal do Acre. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9074-8447>.

reflect that the reproduction of archaisms in translation recreates the atmosphere and the type of language used by speakers of the period in which the texts were written, creating a kind of “illusion” in the reader, as if they were reading the work written in its original language, even if this causes a certain “strangeness”.

Keywords: *epistolary translation; Mariquita Sánchez; archaisms.*

INTRODUÇÃO

Mariquita Sánchez (1786-1868) viveu na efervescente Argentina do século XIX, em meio a grandes transformações políticas, sociais, culturais e literárias. Nesse âmbito, nasce a literatura argentina, ao mesmo tempo em que a nação se liberta da Coroa Espanhola e se torna independente. O Iluminismo passa a sofrer as influências do Romantismo europeu, influenciando as obras literárias argentinas escritas a partir da década de 1830. Neste período, mais especificamente no ano de 1835, quando Juan Manuel de Rosas² assume o poder pela segunda vez, María Sánchez decide se autoexilar em Montevidéu para evitar que seu filho mais velho, Juan Thompson, sofresse sanções impostas por um governo considerado ditador. E é justamente neste período que ela se mostra uma exímia missivista, devido à necessidade emergente de comunicação com os seus filhos (duas de suas filhas passaram a residir na Europa após a contração de matrimônio) e amigos/as. Escreveu centenas de cartas a figuras do meio sociopolítico e literário de Buenos Aires, garantindo, assim, um *corpus* epistolar repleto de impressões sobre, principalmente, o período em que esteve exilada em Montevidéu e por um ano no Rio de Janeiro. Amante (2010) descreve Mariquita como uma mulher que

foi praticamente uma máquina de escrever cartas: escreve na cama, pela manhã; apressada pela partida dos barcos; escreve curto para dar sinais de que está bem; escreve longas cartas para registrar o que lhe passa, mas também o que pensa a respeito da política [...]³ (Amante, 2010, p. 56, tradução minha).⁴

Os registros epistolares têm ganhado cada vez mais espaço nos estudos literários e culturais, tendo em vista que relatam pontos de vistas de pessoas que viveram em outras épocas, ajudando a compreender as interações e possíveis influências de escritores/as e personalidades. No que se refere às mulheres, estes estudos ganham mais importância, já que, pela configuração social existente, a escrita publicada em veículos de comunicação se restringia aos homens, restando a elas, basicamente, o cuidado do lar e dos filhos. De acordo com Borges e Henríquez Ureña (1999), as cartas escritas por Mariquita revelam uma personalidade considerada singular. Guidobono (2012), por sua vez, afirma que ela se tornou uma figura iconográfica da época, já que participou ativamente

² Governador da Província de Buenos Aires entre os anos de 1829-1832 (primeiro período), e 1835-1852 (segundo período). Foi, sem sombra de dúvidas, a figura mais representativa do federalismo argentino, instituindo a temida *Mazorca*, força parapolicial que perseguia os antigovernistas.

³ “[...] fue prácticamente una máquina de escribir cartas: escribe en la cama, a la mañana; urgida por la partida de los barcos; escribe corto para dar señales de que está bien; escribe largas cartas para registrar lo que le pasa, pero también lo que piensa respecto de la política [...]”

⁴ Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas por mim. As referências escritas em outro idioma virão com o seu original em nota de rodapé e sua respectiva tradução no corpo do texto.

no processo de Independência da Argentina, ocorrido em 1810, abrindo o salão de sua residência para as famosas tertúlias.

Traduzir e comentar as cartas dessa mulher se torna importante por perpetuar os pensamentos de alguém que vivia em meio à elite portenha, registrados em cartas que mostram suas preocupações, ansiedades e dúvidas geradas pelo regime político implantado pelo governo de Juan Manuel de Rosas. No entanto, para um tradutor contemporâneo, é primordial compreender o período histórico e social para que possa tomar as melhores decisões para traduzir essas emanações sentimentais. As decisões tradutórias podem servir de base para outros trabalhos de tradução que buscam soluções para questões de arcaísmos presentes em textos-fonte, objeto deste trabalho. Vale destacar que as cartas de Madame Mendeville, como também ficou conhecida, nunca foram traduzidas para qualquer outro idioma.

Neste trabalho, propomos análises de termos arcaicos observados na tradução de uma seleção de cem cartas escritas por Mariquita, publicadas na tese de doutorado intitulada “Uma missivista no Rio da Prata: tradução comentada e anotada de cartas de Mariquita Sánchez”, defendida em 2022 no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.⁵ Esse recorte visibiliza o trabalho de tradução no que se refere à tradução de textos escritos em períodos distantes do atual, como o século XIX, mostrando estratégias tradutórias que poderão servir de base para tradutores que buscam soluções de tradução de termos arcaicos em textos literários e/ou cartas escritas em língua espanhola traduzidas para a língua portuguesa ou vice-versa.

No primeiro momento, faremos uma abordagem teórica sobre os estudos tradutórios referentes a termos arcaicos e como isso reverbera no trabalho de tradução. Em seguida, apresentaremos trechos das cartas traduzidas que apresentam estes termos e as decisões tradutórias, juntamente com as justificativas que nos levaram a essas decisões.

ARCAÍSMOS E TRADUÇÃO

Segundo o dicionário *Priberam de Língua Portuguesa*, o termo arcaísmo designa “coisa antiga ou antiquada”.⁶ Bechara (2005, p. 351) ressalta que os arcaísmos são “palavras e expressões que, por diversas razões, saem de uso e acabam esquecidas por uma comunidade lingüística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembradas em formações deles originados”. Por sua vez, Houaiss, Villar e Franco (2009) dissertam que os itens lexicais arcaicos podem ser um excelente recurso quando se deseja recriar uma atmosfera de um certo período no tempo, relacionado ao modo de falar ou de escrever. Berman (1999) afirma que as traduções de termos arcaicos se tornaram uma característica de traduções filológicas. Costa (2019) ressalta que essas reproduções arcaizantes nos textos de chegada começaram a ser utilizadas quando o tradutor tinha a intenção de reproduzir a linguagem utilizada em obras clássicas. Segundo ele, “por meio desse recurso, os tradutores procuram exercer, no destinatário do texto de chegada, o mesmo efeito que as obras clássicas supostamente produziram no destinatário contemporâneo do texto de partida” (Costa, 2019, p. 433). Isso implica dizer que a reprodução de termos arcaicos em textos contemporâneos leva o leitor a ter a mesma impressão dos leitores do texto original, criando a “ilusão”

⁵ A referida tese pode ser encontrada no endereço eletrônico: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237230>.

⁶ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/arca%C3%ADsmo>. Acesso em: 25 jan. 2023.

de estar lendo o texto na língua em que foi escrito. Essa é a dita “tradução ilusionista”, definida pelo teórico tcheco Jiří Levý como uma espécie de acordo entre o tradutor e quem lê o texto:

O espectador de teatro sabe que o que vê no palco não é a realidade, contudo, exige que se pareça com a realidade; o leitor de romance sabe que lê uma história inventada, mas requer que o romance se atenha às regras da verossimilhança. Assim, o leitor de uma tradução também sabe que não está lendo o original, mas exige que a tradução conserve a qualidade do original (Levý, 2011, p. 131).

Reproduzir termos arcaicos nas traduções é uma forma de criar essa “ilusão”, mesmo que cause certa estranheza ao leitor. Vale ressaltar que essa seria a mesma impressão causada no leitor do texto original, já que ambos são contemporâneos. Sobre este estranhamento, Costa (2019, p. 435) resalta que

Pela sua obscuridade, o arcaísmo produz, necessariamente, um efeito de estranhamento, que é tanto mais apreciado em gêneros graves. No entanto, as artes de retórica aconselham fazer um uso moderado do arcaísmo para que a clareza, virtude suprema do discurso, não seja comprometida.

A reprodução de tais termos também levam o leitor ao encontro da linguagem utilizada na época, como forma de aproximar e criar uma estreita relação entre texto-leitor, gerando uma espécie de ligação entre o período em que o texto foi escrito e o leitor mais atual. Para tal feito, é necessário o conhecimento do tradutor em relação a marcas diacrônicas na língua de chegada, para que possa reproduzi-las adequadamente. Para Steiner (1975), a utilização de termos arcaicos nas traduções reinventa a própria língua na atualidade, pois segundo ele, “essas inversões, deslocamentos, colagens arbitrárias de cronologias históricas são negações ou reordenamentos da atualidade” (Steiner, 1975, p. 352).

Ao fazer a tradução das cartas de Mariquita, por exemplo, busquei em textos literários e cartas do mesmo período traduzidos do espanhol para o português e vice-versa, termos que pudessem ser empregados com o mesmo valor semântico, tendo em vista que, se usasse textos de outros períodos, talvez me afastasse da mensagem real empregada pela missivista. Essa é uma estratégia já usada por outros tradutores para não cair na armadilha do diacronismo linguístico, tendo em vista a mutação que a língua sofre com o passar dos anos e o seu dinamismo. Esse é um cuidado inclusive de tradutores de obras clássicas, como se pode observar:

Procurando arcaísmos equivalentes na língua de chegada, os tradutores de obras clássicas utilizaram marcas diacrônicas pertencentes ao mesmo período daquelas exploradas no texto de partida. Intitulada *Hamleto: a tragédia de Hamleto, Príncipe de Dinamarca* (1933), a primeira tradução publicada em português do Brasil de um texto integral de William Shakespeare foi realizada pelo advogado e poeta Tristão da Cunha (1878-1942). O tradutor brasileiro utilizou arcaísmos oriundos do português do século XVII para evocar a atmosfera da época [...] (Costa, 2019, p. 436).

Em suma, podemos considerar que elementos arcaizantes presentes no texto traduzido evocam o período em que foi escrito o original, evidenciando sua antiguidade e levando o leitor a perceber que não se trata de uma obra contemporânea ou de uma tradução que tem por objetivo “contemporaneizar” o texto traduzido. Berman (1999) trata essas marcas arcaicas como “exoti-

zação”, típica de traduções filológicas. No entanto, não se pode esquecer que tudo deve ser pensado e analisado com sapiência para não cometer os chamados exageros na tradução e acabar por deixar o produto final tão complexo que fica de difícil compreensão para o leitor, como se o tradutor tivesse a intenção de aproximar tanto o texto traduzido com o texto fonte que acaba por cometer exageros e exacerbações, desvirtuando o objetivo da tradução. Costa (2019) define este tipo de tradução como “hiperarcaizante”.

E é neste sentido que concordamos com Rónai (2012) quando fala sobre a importância do tradutor “adentrar” no espírito do texto fonte para reproduzir na tradução a real intencionalidade naquele texto. Segundo ele:

Na realidade a tradução é o melhor e, talvez, o único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade de um grande espírito. Ela nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhe as intenções mais veladas (Rónai, 2012, p. 31).

A compreensão dos termos arcaicos no período em que foram produzidos é uma forma de “esquadrihar” – para alcinhar o termo usado por Rónai – a intencionalidade do autor do texto fonte e permitir ao leitor da tradução a mesma experiência que o leitor do texto escrito na língua fonte.

Podemos citar como exemplo de arcaísmo em espanhol o termo *aislar*,⁷ que, segundo definição do *Diccionario de la Real Academia Española* (doravante DRAE), significa tornar algo isolado, sozinho, separado de outras coisas. No entanto, entre as definições dadas por este mesmo dicionário, está: *cercar de agua por todas partes*, como uma espécie de ilha. Verifica-se, portanto, que o significado deste termo pode sofrer alteração se considerarmos o contexto em que esta palavra foi empregada.

Outro exemplo claro de arcaísmo é na forma de tratamento *vuestra merced*, que imediatamente remete a forma portuguesa “vossa mercê”. Segundo o DRAE,⁸ esta forma de tratamento era empregada para se dirigir a pessoas quando era necessário um certo grau de tratamento mais respeitoso, como sinal de cortesia. Está presente em centenas de textos literários produzidos até meados do século XIX. Se empregarmos, na tradução, a substituição deste pronome de tratamento para “você”, em português, ou *usted* em espanhol – apesar de esta última representar uma forma mais “formal” de se dirigir a alguém no idioma castelhano – mesmo assim perde a força empregada pelo termo *vuestra merced*. Até mesmo o “senhor” ou “senhora” do português não teria a mesma carga semântica exigida neste contexto. Por essa razão, se há o desejo de imprimir essa característica arcaizante na tradução, o mais coerente seria traduzir *vuestra merced* para “vossa mercê” ou “vossa graça”, levando o leitor a perceber o tom temporal distante do contemporâneo pela marca linguística empregada no texto traduzido.

Ainda se referindo a formas de tratamento, é necessário o conhecimento do tradutor quanto ao tom adotado em certos discursos textuais, para não gerar equívocos. Um exemplo é o caso do uso de *usted* e *tú*, em espanhol, para diferenciar situações de formalidade e informalidade, respectivamente; assim como o *tu* e o *vous* francês ou o *tu* e *Lei* italiano. No português, pela lógica, o “tu” seria usado para situações de informalidade e o “você” para situações de formalidade, o que não acontece na prática. Na língua portuguesa, quando queremos nos dirigir a alguém de forma

⁷ DRAE. Aislar. Disponível em: <https://dle.rae.es/aislar?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

⁸ Ver: DRAE. Merced. Disponível em: <https://dle.rae.es/merced?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

mais respeitosa usamos as formas de tratamento “senhor” ou “senhora”, já que em ambos os casos – “tu” e “você” – são usados indistintamente para situações informais, um mais ou menos frequente que o outro, a depender da região do Brasil.

Essas e outras questões foram pensadas e repensadas diversas vezes ao traduzir as cartas de Mariquita, verificando qual seria a melhor estratégia para manter o estilo de escrita da missivista e dar ao leitor a sensação de estar lendo, de fato, as cartas escritas por ela como se estivesse lendo o original em espanhol. Explicitarei essas decisões em seguida.

TRADUÇÃO COMENTADA DE ARCAÍSMOS PRESENTES NAS MISSIVAS DE MARIQUITA SÁNCHEZ

Várias foram as vezes em que me deparei com termos arcaicos ao traduzir as cem cartas selecionadas de Mariquita Sánchez para o português brasileiro. A dificuldade estava no fato de eu ser um leitor/tradutor do século XXI, com pouco conhecimento desses termos empregados na língua espanhola do século XIX. Por essa razão, o processo de tradução exigiu uma constante busca para saber o significado das palavras usadas por Mariquita que não faziam muito sentido quando observadas nas cartas.

Para fazer os comentários, coloquei o texto fonte e a tradução dispostos lado a lado, em forma de tabela, fazendo uso do grifo para destacar os arcaísmos presentes.

Quadro 1– tradução do termo “paquete”

<p>El paquete trajo 25 pasajeros; pero los partidarios de aquel círculo dicen son mentiras y que está todo muy bueno.</p> <p>Hasta que no vuelva no estaré tranquila, sobre todo por los riesgos de los paquetes este mes de temporales. Así, tiemblo por la vuelta. ¡Por Dios, que cuando se embarque vea bien el tiempo!</p>	<p>O paquete trouxe 25 passageiros; mas os partidários daquele círculo dizem que é mentira e que está tudo bem.</p> <p>Até que ele não volte não ficarei tranquila, especialmente por causa dos riscos aos paquetes neste mês de temporais. Assim, temo pelo retorno! Pelo amor de Deus, que quando embarque olhe bem para o tempo!</p>
--	---

Ao consultarmos o dicionário DRAE para verificarmos o significado da palavra *paquete*, nos deparamos com a não adequação dos significados ali dispostos com o real sentido empregado pela missivista, porque se observarmos o contexto de uso, esse termo está sendo usado com o sentido de ser um barco/meio de transporte. As seguintes definições são dadas pelo dicionário, e nenhuma delas se adequaria a nossa proposta de tradução: “Lío o envoltório bien dispuesto y no muy abultado de cosas de una misma o distinta clase; Conjunto de cartas o papeles que forman mazo, o contenidos em um mismo sobre o Cubierta; Conjunto de servicios que se ofrecen o de requisitos que se exigen”,⁹ entre outros significados. Quando busquei no dicionário de língua portuguesa a mesma palavra, entre os significados dados, apresentou: “[Antigo] Navio grande, a vapor, que transportava passageiros, mercadorias e correspondência. [Antigo] Navio pequeno que, movido a vela, levava ordens ou avisos. [Antigo] Navio pequeno que se destinava ao transporte de cartas e passageiros entre dois ou mais países”.¹⁰ Daí percebemos que “paquete” era usado na língua portuguesa e era um arcaísmo também neste idioma. Para realizar a tradução

⁹ DRAE. Paquete. Disponível em: <https://dle.rae.es/paquete?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

¹⁰ DICIO. Paquete. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/paquete/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

e decidir por deixar a mesma forma em português, investigamos em obras literárias para observar se este termo era empregado.

Encontramos a utilização do termo ‘paquete’ no conto “Três Tesouros Perdidos”, de Machado de Assis, como pode-se observar no trecho “Meu caro esposo! Parto no pacote em companhia do teu amigo P.. Vou para a Europa. Desculpa a má companhia, pois melhor não podia ser. — Tua E...” (ASSIS, 2011, p. 19. Grifos nossos). Outra obra literária em que se observa a utilização da mesma palavra é “Mar Morto”, de Jorge Amado: “Mesmo marinheiros que vinham por mares longínquos, em pacotes enormes, vêm casar na igreja de Monte Serrat, que é a Igreja deles, trepada no morro, dominando o mar” (AMADO, 1978, p. 9. Grifos nossos).

Quadro 2: Tradução da expressão “coches de alquiler”

;Cuánto deseo ir a pasar un día con toda esa familia! Pero como los coches de alquiler andan con enfermos, les tengo miedo.	Quanto desejo ir passar um dia com toda a família! Mas como as carruagens de aluguel andam com doentes, tenho medo.
--	--

Contemporaneamente, traduzimos *coche*, em espanhol, como “carro”, em português. Mas, como optar por essa tradução se os primeiros automóveis só passaram a circular na Argentina a partir do início do século XX, ou seja, posterior à morte de Mariquita? Esse seria um erro clássico de anacronismo. Para não cair nessa armadilha, optamos por usar o termo “carruagem”, transporte muito utilizado na época para levar pessoas em longas viagens, principalmente os que eram da alta sociedade, pois denotava *status* social.

Capilé e Kelli (2017, n/p) afirmam que nos jornais brasileiros da época havia vários anúncios de carruagem, devido à necessidade de transporte de passageiros e cargas:

E a Gazeta anunciava a venda de vários tipos de locomoção: carrinhos para um ou dois cavalos, cobertos ou descobertos, “para cordões e boleia”; carros de quatro rodas, “de cabeça de deitar para trás”; carruagens de portas, carruagens de vidros, carruagens de cortinas, carruagens “à Daumont” com arrieos para quatro cavalos, carruagens de duas ou quatro rodas; seges de boleia, seges montadas em molas, seges aparelhadas de casquinha, seges de duas ou quatro rodas; traquitanas de porta, traquitanas de cortinas e traquitanas de vidros [...] Veículos particulares eram itens dispendiosos. Além disso, os custos gerados por sua aquisição eram permanentes. Carruagens requisitavam um bom investimento na compra e no sustento de equinos e de muares (alimentação, adestramento, medicação), e gastos com sua manutenção – em grande parte pequenos reparos impostos pelo uso regular em vias de circulação que apresentavam condições precárias. Por tudo isso, tornava-se acessível apenas a uma parte da população, o que impulsionou outra oportunidade de negócios para suprir a necessidade de indivíduos ou de famílias menos abastadas: o aluguel de veículos.

Como pode-se constar, o aluguel de carruagens era muito comum para pessoas que não tinham condições de ter a sua própria. Apesar de Mariquita ser proveniente de uma família abastada, é sabido que sua fortuna entrou em declínio a partir do seu segundo matrimônio, fato que, provavelmente, não permitiu que tivesse seu próprio meio de transporte.

Como falamos em pronomes de tratamento no item 2 deste trabalho, não poderíamos deixar de apontar um caso de arcaísmo presente nas cartas de Mariquita:

Quadro 3 – tradução do termo “misia”

Mil memorias a misia Ventura y a Petrona. La carta de misia Justa me ha dado lástima, está tan triste	Mil lembranças à senhora Ventura e a Petrona. A carta da senhora Justa me deu pena, está tão triste.
--	---

Ventura, Petrona e Justa eram amigas/conhecidas de Mariquita. Costumava-se tratar essas pessoas com deferência, pois faziam parte da alta sociedade. Ao consultarmos o termo ‘misia’ no DRAE, verificamos a seguinte descrição: “natural de Mísia, antiga região da Ásia”,¹¹ o que não fazia sentido se observado o contexto. Nos dicionários de língua portuguesa, sequer aparecia este termo. Outro significado para esta entrada no DRAE se refere a pessoas de poucos recursos financeiros, o que também não fazia sentido, tendo em vista que o círculo social de Mariquita era composto por pessoas de posse, da alta sociedade. Assim, busquei em um dicionário colaborativo *online* e encontrei o que foi a solução mais adequada, pois informava que *misia* ou *misia* era um termo usado antigamente na região da hispanoamérica como forma de tratar amistosamente senhoras com quem se tinha um contato próximo, sendo essas casadas ou viúvas. O termo equivale a *senhora*/minha *senhora*. Por essa razão, decidimos por usar esta tradução.

Outro termo que vale a pena destacar é a medida de comprimento “vara”:

Quadro 4 – Tradução do termo “vara”

Vamos a otro punto. Me hablas de vender el corral o de lo que te han dicho sobre esto. Tú sabes que una vara es para mí una pena, como si me quitaran una alhaja	Vamos a outro ponto. Fale-me sobre a venda do pátio ou o que te falaram sobre isso. Você sabe que vender uma vara para mim é uma lástima, como se me tirassem uma joia.
---	--

Talvez um leitor mais desatento não se aperceba o arcaísmo presente no trecho, já que *vara*, empregado no original, foi reproduzido na tradução para o português. No entanto, se observarmos o contexto de utilização, veremos que não faria muito sentido a semântica que conhecemos hoje do termo “vara”, em língua portuguesa. Mariquita quis dizer que a venda de qualquer metro de sua propriedade era uma perda enorme para ela, o que seria mais compreensível. No entanto, decidimos por manter as formas de medida de comprimento, assim como as moedas correntes no período, como patações e onças. A decisão se apoia na observação dessa medida nos dicionários de língua portuguesa como um termo arcaico que era usado neste período no Brasil também, como pode-se ver na definição dada: “Vara – Antiga medida de comprimento equivalente a um metro e dez centímetros”.¹² Essa percepção exige uma atenção maior por parte do leitor, tendo em vista que a forma *vara* como medida de comprimento já não é usual hoje em dia.

Nas fórmulas de despedida das cartas de Mariquita, é comum observarmos a grafia *a Dios*:

Quadro 5 – Reprodução da fórmula de despedida “a Dios”

Tus hermanas te abrazan y te dan mil memorias y la familia de Madero y Varela, quienes se acuerdan mucho de ti. A Dios , hijo, Él te proteja como se lo pide y desea tu Madre que te abraza mil veces.	Tuas irmãs mandam abraços e mil lembranças e a família do Madero e Varela, os quais se lembram muito de você. A Deus , filho, Ele te proteja e te guarde como deseja tua mãe que te abraça mil vezes.
---	--

¹¹ DRAE. Mísia. Disponível em: <https://dle.rae.es/misio#POWyO2m>. Acesso em: 6 fev. 2023.

¹² DICIO. Vara. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vara/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

(continuação do Quadro 5)

Mil abrazos a tus hijos. Dile a Julio que goce de su tierra cuanto pueda. Me avisan que es la hora de cerrar. A Dios. Tu Madre	Mil abraços a teus filhos. Diga ao Julio que desfrute o máximo que puder da sua terra. Me avisam que é hora de fechar. A Deus. Tua Mãe.
A Dios por hoy, hija, a todas las amigas, y mil abrazos a tus hijos. Tu Madre,	A Deus por hoje, filha, a todas as amigas, e mil abraços a teus filhos. Tua Mãe,

Em um primeiro momento, pode causar certa estranheza para o leitor brasileiro encontrar na tradução a forma “a Deus”, como fórmula de despedida. Contemporaneamente, a fórmula de despedida “adeus” é marcada graficamente diferente da que se usava anteriormente, que era a preposição de acusativo “a” mais o substantivo próprio “Deus”, separadamente. Acreditávamos ser a forma mais usual do emprego dessa forma de grafia no período, em espanhol. Para constatar essa hipótese, consultamos cartas escritas na época por nomes conhecidos da Argentina (Juana Paula Manso, Manuela Gorriti, Juan Manuel de Rosas, José Mármol), assim como em obras literárias brasileiras e argentinas do mesmo período (Echeverría, Sarmiento, Mármol, Machado de Assis, Castro Alves, José de Alencar) e observamos que mesmo nessas obras e textos produzidos no século XIX a grafia dessa despedida já era “adios” (espanhol) e “adeus” (português). Acreditamos que seja um período de mudança dessa expressão, podendo algumas pessoas ainda marcarem na grafia a forma menos usual atualmente. Essa forma de despedida é um encurtamento da expressão “a Deus vos recomendo” ou “entrego-te a Deus”, usada por padres quando chamados para comparecer ao leito de morte de uma pessoa, como forma de dar a “encomendar a alma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que reproduzir, na tradução, formas arcaicas, permite ao leitor ter a mesma sensação de leitura que aquele que leu o texto no idioma no qual foi escrito. Essas marcas lexicais refletem imediatamente ao período em que os textos-fonte foram escritos.

Traduzir as cartas de Mariquita denotou, em diversos momentos, um grande desafio, pois nossa proposta era reproduzir da melhor maneira a intencionalidade da missivista, mesmo que isso, em alguns momentos, implicasse em recorrer a estratégias de tradução que não fizessem uso dos mesmos elementos lexicais, seguindo o que preconiza Levý (2011), que propõe a reprodução do sentido do texto fonte. Por essa razão, optamos por uma tradução “ilusionista”, para que o texto traduzido não se tornasse uma “pastiche” do texto fonte, cheio de alterações que mudariam completamente o estilo de escrita de Mariquita, o qual desejamos manter.

Traduzir termos arcaicos exige do tradutor um constate vai-e-vem em pesquisas bibliográficas, seja elas em dicionários ou obras literárias. No caso em questão, também foi coerente buscar em cartas escritas por argentinos exilados e por brasileiros o emprego de expressões lexicais que caíram em desuso, para verificar se o arcaísmo era somente em um idioma ou em ambos, como o caso de *misia*, que era um arcaísmo somente da língua espanhola, não tendo como reproduzi-lo em português.

Portanto, refletimos que se deve ter extremo cuidado quando traduzimos estes termos, para não cairmos no que chamamos de anacronismo, pela falta de conhecimento linguístico devido à variação diacrônica, inerente a qualquer idioma. Percebemos ainda que a reprodução de termos arcaicos deve ser feita na medida exata, pois tudo o que é demais altera o sentido do original, perdendo a essência que o autor do texto quis passar.

Ressaltamos que trabalhos de tradução comentada são importantes para outros pesquisadores que buscam soluções tradutórias em suas pesquisas atuais. Problemas que aparecem aqui, por exemplo, podem recorrer em outros trabalhos também. Refletimos que esta pesquisa pode abrir portas para novas análises da área da linguística histórica, assim como de novas pesquisas voltadas para os arcaísmos presentes tanto nas cartas escritas por Mariquita ou qualquer outra/outro missivista contemporâneo a ela.

REFERÊNCIAS

- AMADO, J. *Mar Morto*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AMANTE, A. *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- ASSIS, M. de. *Seus trinta melhores contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 671 p.
- BERMAN, A. *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*. Paris: Seuil, 1999.
- BORGES, J. L.; HENRÍQUEZ UREÑA, P. *Antología clásica de la literatura Argentina*. Buenos Aires: Editorial A. Kapelusz y Cía, 1999.
- CAPILÉ, B.; KELLI, M. V. Burros, cavalos e eletricidade: o desenvolvimento de novos suportes técnico-científicos para o transporte urbano no Rio de Janeiro oitocentista. *Sociedade Brasileira de História da Ciência*, boletim n. 12, mar. 2017. Disponível em: http://www.sbhc.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=996. Acesso em: 6 fev. 2023.
- COSTA, D. P. P. da. Do arcaísmo em tradução literária: as baladas de François Villon por Guilherme de Almeida e Mário Faustino. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 49, p. 432-457, maio/ago. 2019.
- DICIO. *Dicionário online de português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- DICCIONARIO de la Real Academia Española [DRAE online]. Disponível em: <https://www.rae.es/>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- GUIDOBONO, S. O. Sentir y vivir en femenino: las mujeres en la historia de Hispanoamérica. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos* [En ligne], Débats, mis en ligne le 2 oct. 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/64028>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M.; FRANCO, F. M. de M. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1986 p.
- LEVY, J. *The art of translation*. Translated by Patrick Corness. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.
- OLIVEIRA, C. L. da S. *Uma missivista no Rio da Prata: tradução comentada e anotada de cartas de Mariquita Sánchez*. 2022. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa

Catarina, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/237230>. Acesso em: 4 fev. 2023.

STEINER, G. *After babel: aspects of language and translation*. Oxford: Oxford University Press, 1975.

Sites

<https://dicionario.priberam.org/arca%C3%ADsmo>. Acesso em: 25 jan. 2023.

<https://dle.rae.es/aislar?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<https://dle.rae.es/merced?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<https://dle.rae.es/paquete?m=form>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<https://www.dicio.com.br/paquete/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

<https://dle.rae.es/misio#POWyO2m>. Acesso em: 6 fev. 2023.

<https://www.dicio.com.br/vara/>. Acesso em: 6 fev. 2023.